

APRESENTAÇÃO:

A DIFÍCIL TAREFA DE APRECIAR O FEIO E O RUIM

[PRESENTATION: THE HARD TASK OF APPRECIATE THE UNGLY AND THE BAD]

Nelson Marques¹ e Gianfranco Marchi²

Estamos bem acostumados a apreciar criticamente o que é importante, o que é belo, o que é melhor... Há listas variadas e para todos os gostos dos “10 Mais”, dos “Melhores do Ano”, “da Década”, ou até mesmo “do Século”. Estas compilações são aplicadas para os trabalhos os mais variados, como textos, livros, pinturas, filmes, atores, atrizes... e o que se puder imaginar, ou inventar.

O mesmo não acontece, ou é até pior, sequer pensamos a respeito, sobre o oposto dessa atitude. Cremos que não temos o hábito e nem treinamento para também apreciar criticamente o que é ruim, feio, ou de menor importância... São raros os trabalhos que se preocupam com essa possibilidade. Quando existem, aparecem como algo estranho, diferente e algumas vezes até como ironia.

Um trabalho extenso e sério como o de Umberto Eco, chamou mais a atenção pelo seu título – *História da Feiura*, 2007, (Editora Record,

456p.), do que pelo contraponto que ele mesmo fazia sobre seu outro ensaio – *História da Beleza*, 2004, (Editora Record, 440p.).

Nesse caso particular é até mesmo muito mais fácil entender. É quase voz corrente, como Eco mesmo chama atenção, que beleza ou feiura está nos olhos de quem a vê. Além disso, tanto uma coisa, quanto a outra é influenciada pelos padrões culturais de época e de quem observa. Mas ele também tem consciência de que a ideia de feiura é muito mais complexa de definir do que a de beleza. O conceito de grotesco foi, ao longo dos séculos, vinculado ao de graça e formosura. O feio, o cruel e o demoníaco são os parâmetros para a existência do belo. Mas nem sempre considerados o seu oposto.

De maneira semelhante, os trabalhos de um dos melhores críticos de cinema, o americano Roger Ebert (1942-2013), é lembrado mais em função das suas críticas positivas a

¹ Bacharel e licenciado em Ciências Biológicas (USP). Professor Doutor aposentado da FMUSP, ex-prof colaborador voluntário da UFRN. Produtor cultural, fundador e atual presidente do Cineclub Natal. Idealizador, fundador e organizador do festival de cinema Goiamum Audiovisual (RN), organizador do FINC - Festival Internacional de Cinema de Baía Formosa (RN). Organizador e vice-presidente da ACCiRN - Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Norte. Editou, escreveu e colaborou em diversos livros sobre cinema: *Brasil em Tela Cinema e Poéticas do Social* (Editora Sulina, 2008), *Cenas Brasileiras* (EDUFRN, 2009), *80 Cult Movies Essenciais* (EDUFRN, 2010), *Sessão Dupla* (EDUFRN, 2016), *Claquete Potiguar: Experiências Audiovisuais no Rio Grande do Norte* (Máquina, 2016).

² Bacharel em Direito pela UFRN. Funcionário Público Estadual (TJ-RN). Membro do Cineclub Natal e ACCiRN (Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Norte). Cinéfilo inveterado, editou, escreveu e colaborou em diversos livros sobre cinema: *Cenas Brasileiras* (EDUFRN, 2009), *80 Cult Movies Essenciais* (EDUFRN, 2010) e *Sessão Dupla* (EDUFRN, 2016).

uma infinidade de filmes, do que às suas observações, igualmente críticas, dos piores filmes que ele se obrigava a assistir. Seu livro emblemático foi *I Hate, Hate, Hate that Film*, publicado em 2000. Neste ele compilava dezenas das suas críticas de filmes que haviam recebido de duas a menos estrelas na sua classificação. Novamente aqui, o livro chama mais a atenção pela ironia do título do que pela seriedade e qualidade de Ebert em suas críticas a filmes, fossem eles bons ou ruins. Assim como ele “explica” porque gostou de um filme, faz o mesmo, com a mesma seriedade, por que não gostou de outro filme. Ao lado de seus livros “sociáveis” com uma série de críticas realizadas ao longo do tempo, e intitulados apenas *Great Movies* (publicados em 2002, 2005, 2010 e 2016), ele continuou compilando também os “não recomendáveis” (que nos deu inspiração para a realização deste dossiê), *Your Movie Sucks*, em 2007, *A Horrible Experience of Unbearable Length*, em 2012.

Pois foi exatamente essa ideia que orientou a “construção” deste projeto, o contraponto entre o belo e o feio, o bom e o ruim. Inicialmente ele foi chamado de “Os Piores Filmes Que Eu Vi” para trazer a experiência de cada um de seus participantes. Ele se propunha – e realizou – reunir na área de cinema a escrita de avaliações críticas de filmes, literatura, e sites efetuadas por colaboradores variados que por gostarem de cinema têm a obrigação de avaliar seria e criticamente aquilo que é bom e aquilo que é ruim, em filmes realizados por diferentes diretores, países e épocas.

O esforço de 12 colaboradores resultou na publicação coletiva de seus textos na forma do dossiê “*Uma Antropo-Sociologia de Filmes Não Recomendáveis*” dividido em duas partes. A primeira parte dele constitui este número da revista Cronos.